

Eneida de Moraes em “Momento Feminino”: um jornal a serviço do seu lar.*Eneida de Moraes en "Momento Feminino": un periódico al servicio de su hogar**Eneida de Moraes in "Momento Feminino": a newspaper in the service of your home***Carla Figueiredo Marinho****Maria Angelica Motta-Maués**

Resumo: Escritora, jornalista e militante do Partido Comunista, a paraense, Eneida de Moraes (1903-1971), atuou na imprensa carioca escrevendo para colunas femininas, dentre as quais destaco: “*Mundo de Hoje*” do jornal *Momento Feminino* pertencente ao Partido Comunista Brasileiro, onde apresentava os avanços conquistados pelas mulheres na luta por direitos e assumia um tom de denúncia, pontuando claramente a necessidade de participação feminina num cenário de tensão política nacional e internacional. Mas cabe ressaltar que a luta por conquista de direitos não estava somente para além do Partido, uma vez que o jornal “*Momento Feminino*” foi resultado do esforço desmedido das militantes, que acreditavam ser este um instrumento agregador e eficaz na conscientização e recrutamento de novas camaradas. Neste trabalho, recorte de um capítulo de minha dissertação, apresentamos, numa perspectiva socioantropológica, a atuação de Eneida no Jornal do PCB. O recorte de gênero se faz necessário, pois Eneida, assim como outras camaradas, afrontou os padrões instituídos para aquilo que seria o desempenho “feminino” de sua época, pessoalmente e profissionalmente. Nos seus escritos, assim, as construções sociais acerca do “feminino” e do “masculino” e sua discussão são introduzidas continuamente, evidenciando às mulheres a atualização constante das injunções de gênero na vida social.

Palavras-chave: Eneida. Mulheres. Gênero. Militância.

Resumen: Escritora, periodista y militante del Partido Comunista, Eneida de Moraes (1903-1971), actuó en la prensa de Rio de Janeiro em donde escribió para columnas femeninas, entre las cuales destaco: “*Mundo de Hoje*” del periódico “*Momento Feminino*” perteneciente al Partido Comunista Brasileño. Em esa columna la escritora presentaba los avances conquistados por las mujeres en la lucha por derechos y ponía em evidencia la necesidad de la participación femenina en un paisaje de tensión política nacional e internacional. Pero cabe resaltar que la lucha por conquista de derechos no estaba solamente más allá del Partido, una vez que el diario “*Momento Feminino*” fue el resultado del esfuerzo desmedido de las militantes, que creían ser éste un instrumento agregador y eficaz en la concientización y reclutamiento de nuevas compañeras. En este trabajo, parte de un capítulo de mi disertación, presentamos en una perspectiva socio antropológica la actuación de Eneida en el *Jornal do PCB*. El recorte de género se hace necesario, pues Eneida así como otras camaradas, afrontó los patrones instituidos para aquello que sería el desempeño “femenino” de su época, personalmente y profesionalmente. En sus escritos, las discusiones respecto de las construcciones sociales acerca del “femenino” y del “masculino” se introducen continuamente, evidenciando a las mujeres la transformación constante de las órdenes de género en la vida social.

Palabras clave: Eneida. Mujeres. Género. Militancia.

Abstract: Writer, journalist and activist of the Communist Party, the paraense Eneida de Moraes (1903-1971), worked in the Rio de Janeiro press writing for women's columns, among which we highlight: “*Mundo de Hoje*” of the newspaper *Momento Feminino*, which belonged to the Brazilian Communist Party, where she presented the advances made by women in the struggle for rights, and assumed a tone of denunciation, clearly stating the need for female participation in a scenario of national and international political tension. But it should be noticed that the struggle for rights was not only beyond the Party, since the newspaper “*Momento Feminino*” was the result of the militant workers' unbridled efforts, which they believed was an effective and aggregate tool for raising awareness and recruiting new comrades. In this work, part of one chapter of my dissertation, the performance of Eneida in the newspaper *Jornal do PCB* is presented from an anthropological perspective. The gender cut is necessary because Eneida, like other comrades, confronted the standards set for what would be the “feminine” performance of her time, both personally and professionally. In her writings, thus, social constructions about the “feminine” and the “masculine” and their discussion are introduced continuously, showing women the constant updating of the gender injunctions in social life.

Keywords: Eneida. Women. Gender. Militancy.

Carla Figueiredo Marinho – Mestre em Antropologia; Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduada em Ciências Sociais (FCS/UFPA). E-mail: marinhocarla83@gmail.com

Maria Angelica Motta-Maués – Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará (PPGSA/UFPA); Orientadora. E-mail: angelicamaues@uol.com.br

INTRODUÇÃO

“Considero-me uma mulher profundamente feliz; sei que sou porque cedo tomei posse de meu destino e pela estrada escolhida caminho sem desfalecimentos”.

(ENEIDA, 1989. p, 199)

Em Belém do Pará, no ano de 1922, nascia a primeira filha do casal Genaro Bayma de Moraes e Eneida Villas Boas da Costa de Moraes – Léa. Naquele mesmo ano do nascimento da filha do casal, foi fundado no Brasil o Partido Comunista Brasileiro (PCB), num momento de euforia socialista provocada pela Revolução Bolchevique vitoriosa na Rússia.

Na pauta das questões de gênero, por outro lado, as imposições matrimoniais e patriarcais estendiam-se além do território europeu. Segundo Ronald Vainfas, as tradições ibéricas foram herdadas pelas Colônias e, assim, dentre os segmentos sociais, o casamento permaneceu como na Península: um ideal a ser perseguido, garantia de respeitabilidade, segurança e ascensão (VAINFAS, 2014). Para Luzia Álvares, o vínculo entre o Norte brasileiro com a cultura europeia, além das interferências do movimento colonizador português, influenciaram na definição dos papéis sociais da sociedade paraense que, através do jornal, meio de comunicação existente no período, propagava e, ao mesmo tempo, servia de “mecanismo de controle dos sujeitos sociais, homens e mulheres e, principalmente, sobre estas, mantinha um modelo que orientava os retratos construídos do gênero” (ÁLVARES, 1990).

O imaginário social paraense – e aqui é importante pontuar que fazemos referência à classe dominante ‘branca’ – tinha suas estruturas fundadas sobre as estruturas do patriarcado. Gilberto Freyre, em seu clássico “*Casa Grande e Senzala*”, apresenta a família patriarcal¹, que, estando para além da definição de família extensa, é um núcleo econômico e de poder, onde a figura do *pater* detém, quase que na totalidade das vezes, a autoridade para decidir o futuro dos membros da família e de seus agregados (FREYRE, 1987 [1933]). Segundo Maria Inácia d’Ávila Neto, nos estudos dos papéis e relações interpessoais da família patriarcal brasileira, é possível encontrarmos a raiz de inúmeros preconceitos, tanto em relação à mulher quanto o preconceito étnico (NETO, 1978).

As jovens pertencentes a esse grupo (elite) recebiam educação e eram instruídas pela família e no âmbito escolar para as práticas do lar, pois, futuramente, o novo lar seria orientado e dirigido por elas, que passariam a desempenhar o papel de “esposa-mãe-dona-de-casa” (ÁLVARES, 1990). A obediência ao marido, segundo Saffioti, era uma continuação do esquema de obediência ao pai, educadas em ambiente rigorosamente patriarcal, essas meninas-mães escaparam ao domínio do pai para, com o casamento, caírem na esfera de domínio do marido (SAFFIOTI, 1976).

A “maternidade” era uma das virtudes que essas mulheres deviam ter enquanto condição, pois a mesma estava atrelada às ideias difundidas do condicionamento e do funcionamento biológico feminino. O que nos remete ao antigo debate em que a mulher está para a natureza assim como o homem está para a cultura, condicionada pela regulamentação biológica da condição feminina. Simone de Beauvoir, dentre as principais ideias que contesta no livro “*O Segundo Sexo*” está o “determinismo biológico” ou “destino divino” reservado às mulheres, o destino social de mães. A

¹ É importante pontuar que, tal qual Mariza Corrêa entendo que a família patriarcal apresentada por Gilberto Freyre “pode ter existido, e seu papel ter sido extremamente importante, apenas não existiu sozinha, nem comandou do alto da varanda da casa-grande o processo total da sociedade brasileira”. (CORRÊA, 1994)

maternidade começou a ser pensada como uma construção social, que denotava o lugar das mulheres na família e na sociedade e, desta forma, a causa principal da dominação do sexo masculino pelo feminino (SCAVONE, 2001).

Voltando à nossa personagem, posso dizer que, no contexto social das primeiras décadas do século XX, Eneida quebra a ‘imagem’ esperada de uma mulher pertencente à elite paraense – o que nos faz lembrar o famoso enunciado de Simone de Beauvoir “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” – com a construção de sua própria imagem de mulher que apesar do estado civil e da maternidade retorna às atividades jornalísticas e literárias², o que não era visto com bons olhos, assim como seu repertório de leitura sociopolítica – *Historie de La Revolution Russe* (Gorki), *A Comuna de Paris* (Trotsky), *Le traître et le prolétaire* (Kanapa) e *L’histoire du Parti Bolchevick* (George Cogniot) – “inapropriado” para uma mulher casada (SANTOS, 2009).

É fator de “depreciação” da mulher, a ousadia que demonstre ao assumir comportamentos incompatíveis com o retrato esperado. O cotidiano da mulher dessa época que já atingiu o casamento [...] Proíbem-se determinadas leituras de romance onde o tema possa influir na manifestação de comportamento contrário às normas assépticas da “virgem esposa” e “mãe honesta”. (ÁLVARES, 1990, p.325)

A atuação profissional, a militância política e os apelos à emancipação feminina contribuíram para o fim do casamento que já estava desgastado. Decidida e consciente de que, ao romper os laços familiares, pagaria um preço alto – como a separação dos filhos –, em novembro de 1930, Eneida parte para o Rio de Janeiro. Segundo Adriano Guimarães, conhecida figura da elite belemense dos meados do século XX, a essas mulheres transgressoras, cabia-lhes embarcar para o Rio de Janeiro sem bilhete de retorno (*apud* ÁLVARES, 1990).

Mas, para além do preconceito e do próprio destino designado pela sociedade a estas mulheres, não podemos deixar de destacar Eneida falando sobre a escolha que tomou:

O casamento não dera certo, infelizmente. Agora sentia o dever de baixar uma cortina, gesto que aprendi sozinha. Até hoje, quando sinto e sei que aquela situação em que estou vivendo ou aquela atitude que estou tomando é errada, ordeno a mim mesma: fecha a cortina, baixa a cortina. Cortina fechada, a ordem é recomeçar. Foi assim que em plena mocidade, mas já com muita experiência da vida, conhecedora do valor de todas as coisas, cheguei ao Rio de Janeiro. (ENEIDA, 1989, p. 272-3)

Mas repito: mansa nunca fui. Nem humilde nem me deixando humilhar. Não houve nenhuma grandeza no que fiz na vida: adquiri uma ideologia. Tracei friamente meu caminho e fui por êle (sic), certa de estar certa. Benditos sejam Marx, Engels, Lenine e até o pobre do Stalin. (ENEIDA, 1969, *apud* SANTOS, 2009, p.98).

A filiação ao Partido Comunista não se deu logo após sua chegada à cidade do Rio de Janeiro; primeiramente, Eneida passou a frequentar o Restaurante Reis com um grupo de jovens intelectuais

² A partir desse momento, a jornalista passa a assinar sua produção somente como Eneida, para, segundo ela, não comprometer seu pai e o esposo (SANTOS, 2009).

– que já conheciam sua produção³ como escritora – para discutirem um programa de estudos sobre o marxismo, e dentre as primeiras leituras estavam informações biográficas e narrativas sobre Marx e Engels. Inicialmente a leitura mostrou-se agradável, porém, quando Eneida debruçou-se sobre a análise filosófico-político-social, sentiu-se perdida. Nise da Silveira⁴, que ficou conhecida no cenário carioca como a “dama do inconsciente”, recém-formada em medicina e residente no Hospital da Praia Vermelha⁵, organizou um programa de leitura que permitisse a compreensão da nova integrante do grupo.

Toda minha formação era apenas literária. E foi ela, com suas mãos que jamais deixei de abençoar, com sua cabeça hoje tôda branca de cientista, quem me traçou um programa de leitura. Tens de ler lentamente, não como se estivesses lendo, mas principalmente estudando; quando não entenderes tomarás nota; nós te explicaremos as dúvidas. (ENEIDA, 1989, p.274)

Àquele grupo que se reunia tôdas as noites para jantar no Reis – quem já esqueceu o Restaurante Reis, que teve parte tão ativa na vida intelectual da cidade em certa época? Os môços de ontem, aquêles moços recém-formados alguns, ainda estudantes outros, todos inteligentíssimos, tomaram-me sob sua proteção. Inicialmente passei por um verdadeiro exame de conhecimentos. Foram experimentados meus sentimentos. Tudo eu sentia e afirmava na certeza de que eram amigos, preocupados em me tornar uma pessoa útil. Começaram a gostar de mim. Precisam estudar marxismo, falou um, os outros apoiaram e daquela companhia diária foi nascendo em mim a curiosidade que depois tornou-se amor, pela ideologia comunista. (ENEIDA, 1989, p.273)

Foi em contato com esse grupo que “a escritora que veio do Pará”, como era chamada pelos novos amigos, leu pela primeira vez “*O Manifesto Comunista*” de Karl Marx e Engels; naquele momento, viu-se diante dos princípios do materialismo histórico e dialético, da luta de classes, da doutrina da mais-valia e a teoria da evolução socialista.

A primeira vez que li *O Manifesto Comunista* de Marx e Engels, fui tomada de um entusiasmo tão grande que cada uma de suas palavras repercutia profundamente dentro de mim, e acordava tarde da noite, para repetir mentalmente certas frases. O que ontem me parecia tão difícil, caía em mim como uma bênção. Aquêles dois homens diziam, numa linguagem especial, tudo o que eu queria saber,

³ No ano de 1929, Eneida publica seu primeiro livro “*Terras Verdes*”, que reunia 26 poemas em prosa. No livro *Banbo de Cheiro* (1989), a escritora refere-se a ele como um “*livro ingênuo, livro de menina rica, mas já afirmativo do amor que sempre senti pela minha terra*”. A escritora, antes de mudar-se para o Rio de Janeiro, já contava com apoio de conhecidos como Álvaro Moreyra para publicar no cenário carioca seus textos (MORAES, 1989).

⁴ Nise da Silveira, alagoana, nasceu no ano de 1905. Segundo Horta (2009), Nise teve uma trajetória diferenciada das demais meninas de sua geração; ainda criança já escrevia fluentemente em francês, aos 15 de anos foi aprovada no curso de medicina na Bahia. Após formar-se, decidiu ir sozinha para o Rio de Janeiro. Na década de 20 conheceu o escritor Manuel Bandeira, que a apresentou um grupo de intelectuais e artistas, e desde então passou a ter constante contato com a literatura marxista. A médica é uma das personagens da crônica de Eneida “*Companheiras*”, que retrata o cotidiano das presas no pavilhão dos primários.

⁵ O hospital foi construído entre os anos de 1842 e 1852, para atender a população denominada na época de “alienados mentais”, recebendo inicialmente o nome de Hospício Pedro II. Entre as décadas de 30 e 40 do século XX, já denominado de Hospital da Praia Vermelha, passa por um período de decadência e superlotação, resultando na transferência dos pacientes e sua desativação no de 1944, sendo entregue para a Universidade do Brasil. Hoje, no prédio, funciona o campus da Praia Vermelha da Universidade Federal do Rio de Janeiro (RAMOS & GEREMIAS, 2009).

como se adivinhassem meus sentimentos, a maneira pela qual eu encarava a vida. Interpretavam o que eu sentia, sem saber definir-me. (ENEIDA, 1989, p. 274)

Nesse mesmo período participa de encontros literários que ocorriam no salão literário, localizado na residência de Álvaro e Eugênia Moreyra⁶, na rua Xavier da Silveira, em Copacabana no Rio de Janeiro. Dentre os membros⁷ que discutiam calorosamente a literatura Comunista estavam: Manuel Bandeira, Mário Cabral, Múcio Leão, Luís Martins, Di Cavalcanti, Murilo Mendes, Aníbal Machado e Rachel de Queiroz. Eneida, durante o período de dois anos, preparou-se para ingressar no Partido Comunista (SANTOS, 2009).

1. Imprensa do Partido Comunista Brasileiro

O Partido Comunista Brasileiro (PCB) desde sua fundação já defendia a produção de periódicos com a finalidade de difundir a ideologia comunista junto às grandes massas, divulgando suas orientações, palavras de ordem e o posicionamento tomado pelo partido. Segundo a historiadora Juliana Dela Torres, a base doutrinária da imprensa comunista estava fundada nos escritos de Lênin, que destacou os jornais como ferramenta de solidificação. No livro “*Que fazer?*”, Lênin responde a questão: “*Pode um jornal ser um organizador coletivo?*”; ele então argumenta que o meio para educar pessoas objetivando formar organizações políticas é mediante um jornal que tenha circulação por toda a Rússia.

O momento exigia que houvesse a unificação do socialismo na Rússia, o recrutamento e a organização de novos camaradas, era o que correspondiam às exigências da situação histórica. O líder político, então, viu no jornal uma estratégia que auxiliaria a organização numa amplitude mais considerável, pois os avanços e sucessos conquistados numa dada localidade dariam força e encorajariam camaradas de outros países. Com os artigos publicados, seria possível alimentar intelectualmente os operários de todas as profissões e de todos os graus de desenvolvimento (LÊNIN, 1989).

A imprensa era entendida como o elemento maior, que fazia propaganda da política e das atividades do partido, apresentado como órgão auxiliar, guia do povo brasileiro nas lutas do partido. Os periódicos do PCB foram elaborados com a finalidade de educar ideologicamente e de unificar internamente os seus militantes. O processo educacional foi dividido em três eixos: o primeiro consistia em educar as massas, objetivando elevar o nível de consciência política; o segundo, em organizar a classe operária ao redor do Partido; e por terceiro e último, propagar a linha ideológica. A maioria das publicações era editada na cidade do Rio de Janeiro; dentre os assuntos destacados estavam os problemas enfrentados pela maioria da população brasileira, como: a carestia de gêneros alimentícios, a falta de moradia, transporte, educação, dentre outros temas – aliás, não diferente do que são postos em pauta hoje (TORRES, 2009).

Por uma questão de recorte metodológico e temporal, iremos nos deter somente ao período correspondente aos anos de 1945 a fevereiro de 1948, contexto que o Jornal “*Momento Feminino: um*

⁶ Eneida descreve no capítulo 20 de “*Banbo de Cheiro*” da seguinte forma: “A casa da Xavier da Silveira n.º 99 [...] é o cenário das recordações. Era linda, toda branca, clara, moderna. No quarto de dormir, a cama era tão grande e larga que muitas vezes nela sentávamos, dez ou doze [...] Quadros de Di Cavalcanti, Tarsila, Cícero Dias [...] era um salão literário e artístico, o último desse tipo, no qual discutíamos alto, enfrentavam-se preconceitos, incompreensões e até a polícia” (ENEIDA, 1989).

⁷ Entre 1929 e 1933, inúmeros intelectuais ingressaram no Partido Comunista. Segundo os historiadores Buonicore & Garcia, as razões estavam ligadas à existência de uma profunda crise do capitalismo e da ideologia que, até então, lhe dava sustentação: o liberalismo. A URSS vinha resistindo à crise e aos olhos de parcelas de intelectuais avançados, parecia ser uma alternativa societária a ser experimentada (BUONICORE & GARCIA, 2012).

jornal para o seu lar” é lançado, e em que há a publicação da coluna assinada por Eneida “*Mundo de Hoje*”. Porém, será necessário fazer breve referência a momentos anteriores para melhor compreensão do contexto mencionado.

Em 1945, o presidente Getúlio Vargas ‘amenizou’ (como se pudesse dizer assim) a censura existente contra a imprensa e a possibilidade de eleições livres. O fim do Estado Novo oportunizou a legalidade do Partido Comunista Brasileiro, que, pela primeira vez, tornou-se um partido de massa, chegando a registrar o número de 200 mil membros⁸ em todo o país. Esse número agregava mulheres e intelectuais. A contribuição dos novos membros, em específico os intelectuais, aumentou a produção nos jornais, revistas, panfletos, necessitando do funcionamento de duas casas editoriais e uma agência de notícias chamada “*Interpress*”, aonde chegavam informações sobre a atuação do Partido em outros países e de onde se repassavam informações sobre o mesmo para os demais Estados brasileiros (TORRES, 2009).

Eram poucos os obstáculos naquele momento que impendiam o crescimento e atuação do Partido; na pesquisa sobre a imprensa comunista brasileira, realizada por Dênis de Moraes, ele pôde identificar a existência de dezessete coleções de periódicos: *A Classe Operária*, *Estudos Sociais*, *Fundamentos*, *Hoje*, *Horizonte*, *Imprensa Popular*, *Literatura*, *Novos Rumos*, *Notícias de Hoje*, *Para Todos*, *Problemas*, *Prisma*, *Seiva*, *Temário*, *Tribuna Popular*, *Voz da Unidade* e *Voz Operária*. A intensa produção, como mencionamos anteriormente, foi atribuída ao número expressivo de intelectuais que passaram a fazer parte do partido e que contribuíram com a rede de imprensa que dispunha de publicações nacionais e regionais, revistas, romances e jornais (TORRES, 2009).

Nesse contexto favorável, em 22 de maio de 1945 é fundado, na cidade do Rio de Janeiro, o jornal “*Tribuna Popular*”, que, no momento, tinha como diretor Pedro Motta Lima e redator-chefe Aydano do Couto Ferraz. O jornal chama atenção pelo número de tiragens, segundo Raimundo Alves de Sousa, integrante da redação da “*Tribuna Popular*”, a tiragem durante a semana era de 90.000 exemplares – aos domingos, a tiragem chegava entornado de 150.000. O jornal continha artigos sobre os problemas cotidianos da população, notícias das atividades nacionais do Partido Comunista Brasileiro, eventos sociais – aniversários, batizados, noivados e casamentos – o dia a dia dos comitês populares, literatura, arte, cinema, rádio, música, teatro, esportes e sindicatos; as colunas eram distribuídas ao longo de 14 páginas.

No ano de 1946, durante a III Conferência Nacional do Partido Comunista, foram eleitos 44 membros para assumirem naquele ano o Comitê Central; somente homens, não havia uma mulher eleita, o que, segundo Buinicore & Garcia, originou um grave problema de ordem política e ideológica, pois as mulheres eram sub-representadas nos seus órgãos dirigentes. Nessa mesma conferência, foi acordado que dentro do Partido deveria haver comitês de base feminina; foi a partir desse passo que, no dia 25 de julho de 1947, foi fundado o jornal “*Momento Feminino*”, que tinha como subtítulo “*Um jornal a serviço do seu lar*”⁹. É importante frisar que o projeto do Partido Comunista incentivava a participação da mulher na luta política (BUINICORE & GARCIA, 2012), mas o tom (impositivo) do subtítulo do jornal era bem outro. Na verdade, o mesmo de sempre.

O primeiro exemplar fora publicado em 27 de julho de 1947, na cidade do Rio de Janeiro. A redação ficava localizada na Rua do Lavradio, número 55, no 1º andar. Na capa da 1ª edição está

⁸ Segundo os dados estatísticos do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – no recenseamento realizado na década de 40, o Brasil indicou 41.236.315 habitantes.

⁹ O subtítulo faz referência ao “papel” destinado às mulheres, no espaço do lar, já indicando às leitoras que, nas páginas do jornal, as matérias apresentarão dicas de cuidados domésticos com o espaço físico da casa, dicas de moda, receitas culinárias e etc.

registrado o nome de quinze colaboradoras¹⁰, que, além de escreverem para as colunas, desempenhavam as funções¹¹ de diretora, secretária e de redatoras. Destinado ao público feminino, continha artigos sobre costura, culinária, arranjos do lar e crianças, além dos assuntos de cunho social e político – educação, economia (custo de vida e salário) e as atividades de luta sociais, sendo estas engajadas a ações do partido ou não.

Arcelina Mochel, na primeira edição, chama atenção para o momento oportuno em que o jornal é lançado, onde os problemas do povo brasileiro cresciam e havia necessidade de se buscar soluções aos obstáculos que eram cada vez maiores. A situação internacional havia sofrido alterações com o início da Guerra Fria. No Brasil, as perseguições aos comunistas se intensificaram, o que, conseqüentemente, envolvia os periódicos, que passaram por reformulações, como a mudança de nomes. Voltando à ilegalidade, as linhas políticas do partido foram reformuladas (TORRES, 2009).

As palavras de ordem estão presentes nas primeiras linhas do texto da coluna “Nossos Problemas”, assinado pela diretora:

O jornal é um órgão de luta auxiliar de todas as mulheres, para cumprir uma grande tarefa no seio da coletividade brasileira, para o soerguimento intelectual, político e econômico em nossa pátria [...] precisamente quando avultam os problemas do povo brasileiro e sua solução econômica encontra obstáculos cada vez maiores, aparece Momento Feminino. (MOMENTO FEMININO, 27/07/1947)

Nas edições, apesar da tentativa de mostrar a importância da mulher, as características “típicas do gênero feminino” se sobressaiam e eram reforçadas. Porém, como destaca o historiador Jorge Ferreira, era necessário considerar que o projeto comunista incentivava a participação política das mulheres, novidade naquela época; o contato com as leituras possibilitava que as mesmas lutassem para se verem livres (ou pelo menos tentarem) da opressão social e pudessem se afirmar como mulheres e cidadãs. Não se pode esquecer também o discurso anticomunista que tinha como alvo as militantes, as mesmas sofriam dupla discriminação: por serem mulheres e militantes.

Como mencionei antes, entre as características “típicas” femininas que eram reforçadas nos artigos, destaco a maternidade, que foi baseada nos pressupostos de Lênin. Em 1920, em uma conversa entre Lênin e Clara Zetkin – representante da organização das mulheres na Alemanha –, o líder político ressaltou a importância da existência e organização de um movimento comunista internacional, no qual as mulheres comunistas deveriam fazer, por toda parte, um trabalho sistemático para seu crescimento, transportando-as do mundo da maternidade individual para o da maternidade social. Logo, a luta das mulheres estava associada à imagem de uma mãe, protetora, o que reforça a imagem socialmente construída para a mulher.

Mesmo o jornal seguindo uma linha baseada nos pressupostos mencionados acima, este encontrou dificuldade em ser mantido, pois não se enquadrava no plano de primeira linha do partido; diante de tal fato, é possível pensar que o movimento feminino dentro do partido tinha o

¹⁰ Alina Paim, Arcelina Mochel, Diana de Brito, Ediria Carneiro, Eneida, Gilda Braga Linhares, Hilda Camporiorito, Lia Corrêa Dutra, Lígia Maria Bessa Bastos, Maria Luiza, Marieta Jacques, Maura de Sena Pereira, Sagramor de Souvero, Sílvia e Yvonne Jean (ENEIDA, MOMENTO FEMININO, 25/07/1947).

¹¹ Arcelina Mochel (Diretora), Sílvia (secretária), Hilda Campofiorito (redatora chefe), Eneida (redatora) e Maura de Sena Pereira (redatora).

papel de auxiliar o Partido no desenvolvimento de suas campanhas. Eglê Malheiros¹², em entrevista concedida a Juliana Delas Torres, no ano de 2000, relatou sobre a importância do jornal, assim como das dificuldades encontradas para se manter:

[...] foi um jornal muito combatido, teimoso para continuar existindo, porque nem todos, eu acho que a própria direção do partido nem sempre achava importante aquele jornal. [...] O jornal nessa época mostrava muitas dificuldades, porque não tinha recurso. O Partido Comunista não tinha dinheiro para dar para *Momento Feminino*, o dinheiro eles ocupavam para *Voz Operária*, *Tribuna Popular...* (MALHEIROS, 2002 *apud* TORRES, 2009)

As mesmas dificuldades são apontadas nos comentários de Leda Sá¹³ (no ano de 2004) a Alberto Gawryszewski:

[...] eu fui diretora do *Fon Fon* e *Jornal das Moças*, trabalhei no *Cruzeiro*, então eu conseguia material e mandava para o *Momento Feminino* escondido. Essas revistas femininas tinham parte dedicada a culinária, moda, artistas, ou seja, coisas que agradavam as mulheres. Então, como o *Momento Feminino* era muito pobre, não podia pegar essas fotografias que as revistas pegavam em agências de publicidade. E a Arcelina às vezes telefonava para a redação: “Leda você pode mandar uma fotografia de culinária porque eu tenho uma receita aqui”, então eu escolhia e mandava para ela. Também colhia aquele material todo, ilustrava quando tinha contos. (SÁ, 2003 *apud* TORRES, 2009).

Apesar das dificuldades enfrentadas, o jornal continuou sendo publicado até o ano de 1956, resultando num acervo com cento e dezoito edições, todas disponíveis virtualmente no acervo da Hemeroteca Digital. Não podemos desconsiderar a importância que o jornal teve dentro do Partido Comunista enquanto elemento agregador – de novas camaradas – e difusor, por propagar os ideais partidários. Entretanto, o mesmo reforçava os ‘papéis’ tradicionais das mulheres, primeiramente porque não ter a mesma importância que os demais, como vimos acima, era secundário, visto como menor, e, segundo, as próprias colunas reforçavam determinados padrões.

2. Coluna “Mundo de Hoje”

“A hora é sombria, sabemos todas nós e por isso mesmo nossa união é cada vez mais necessária, mais urgente, mais imediata”. (ENEIDA, MOMENTO FEMININO, 31/10/1947).

Eneida, “a escritora que veio do Pará”, assinou a coluna “MUNDO DE HOJE”, do jornal “*Momento Feminino*” durante o período de 27 de julho de 1947 até 20 de fevereiro de 1948, contabilizando trinta edições. Mesmo deixando de assinar a coluna e, posteriormente, o jornal, permaneceu o restante do ano de 1948 como redatora.

¹² Filha de Rita Malheiros, militante do PCB, foi representante do *Momento Feminino* na cidade de Florianópolis. Eglê Malheiros fez parte da “Juventude Comunista”. Diz pertencer a uma família de revolucionários, pois tanto do lado da mãe como do lado do pai teve parentes que participaram da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e vários foram os presos entre os anos de 1935 e 37. (TORRES, 2009)

¹³ Foi ilustradora do *Momento Feminino*.

Neste momento da pesquisa, realizamos a (re) leitura dos trinta artigos e classificamos dentro de onze temáticas mais recorrentes que elencamos como: Denúncia de Perseguição Política, Luta pelos Direitos Democráticos, Educação, Direito ao Voto, Desigualdade Racial, Guerras, Qualidade de Vida, Mercado de Trabalho, Conquista Políticas, Avanço Tecnológico e Juventude.

A partir da (re) leitura das colunas e classificação em temáticas, foi possível perceber as assimetrias de gênero transitando num cenário marcado por tensões políticas; seja na esfera de âmbito nacional ou internacional, as denúncias, ou mesmo as conquistas alcançadas, eram marcadas pela inserção da mulher em novos espaços a partir da luta política. A proposta política apresentada na coluna inter cruzava as temáticas, trazendo, em alguns momentos, de forma sutil, os princípios ideológicos do Partido Comunista. Mas, na busca do perfil da mulher "dita" por Eneida, não detivemos nosso olhar prioritariamente nas temáticas, embora tenham nos permitido pensar a posição e espaço que as mulheres mencionadas nas colunas ocupavam.

Com as temáticas elencadas e diante das informações já dadas pelo campo, uma vez que parte do campo são os artigos, seguimos o caminho inverso – não partimos das perguntas, mas elaboramos as perguntas norteadoras da observação a partir das respostas que já nos estavam ‘dadas’. Selecionamos os artigos que poderiam contribuir na construção da imagem de “mulher” que é ‘dita’ por Eneida.

Como mencionamos no tópico anterior, o jornal tinha a preocupação em apresentar, ou pelo menos tentar apresentar, a imagem de uma ‘nova mulher’ que respondia à voz de comando do Partido, de luta por uma pátria mais justa, como vemos na primeira citação abaixo, onde a influência dessa (nova) mulher estendia-se além da esfera familiar, uma figura combativa nos movimentos políticos e sociais:

Nêsse (sic) grande anseio que é de todas as mulheres: defender nosso grande lar que é a nossa pátria [...] afinal que queremos nós, as mulheres? Queremos respeito as leis, cumprimento rigoroso da Constituição, queremos liberdade para pensar, falar, reunir e criar. Queremos democracia. Queremos respeito aos nossos direitos de cidadania, queremos alegria para nossas crianças. (ENEIDA, MOMENTO FEMININO, 27/07/1947).

Como se pode ver, temos condensado neste trecho a combinação ideal (ideológica, nesta tradução) da figura de mulher “dita” por Eneida/pelo Partido – aquela que juntava num “lar, família e pátria”. Segundo Carla Bassanezi, no período que vai de 1945-1964, a sociedade brasileira passou por uma série de transformações decorrentes do desenvolvimento econômico, que proporcionou o crescimento urbano, o desenvolvimento industrial, aumentando as possibilidades profissionais e escolares. Entretanto, apesar do “desenvolvimento” que possibilitou a inserção mais acentuada das mulheres¹⁴ em espaços para além do doméstico, as discriminações de gênero se manifestaram com intensidade e de forma rígida nas divisões e nas atribuições dos papéis, na valorização da virgindade feminina, na manutenção da “dupla moral sexual” e na autoridade do marido sobre a mulher (BASSANEZI, 1993).

Eneida chama atenção para a necessidade de liberdade, “[...] liberdade para pensar, falar, reunir e criar [...]”; tal reivindicação nos remete a duas situações importantes: primeiro, nos “equivocamos” quando pensamos que rompendo com os valores tidos por um determinado grupo social – domi-

¹⁴ É importante pontuar que, nesse caso, Bassanezi faz referência à mulher de classe média, uma vez que o trabalho fora do lar já fazia parte da vivência das mulheres mais pobres (BASSANEZI, 1993).

nante – podemos ter a “liberdade de pensar”, esta “nova liberdade” está marcada por outros valores ideológicos, preconceitos e interesses. No caso em questão, a ruptura seria com o modelo de moral burguês, em que a mulher segundo Lênin era mantida num sistema de regime de propriedade privada, sistema este que acarretava múltiplos problemas, resultando no sofrimento das mulheres de todas as classes e camadas sociais (LÊNIN, 1920). E segundo, diante da realidade social da mulher daquela época (não que hoje seja diferente), pensamos que a “liberdade” almejada e referida acima só seria possível a partir de mudanças nas normas e regras que estruturam a sociedade, uma vez que este “modelo dominante estava pautado e legitimado na legislação e procedimentos jurídicos, assim como nos meios de comunicação e no discurso da Igreja Católica.” (BASSANEZI, 1993).

Somos hoje as mulheres sem salário igual, sem garantias constitucionais, porque o govêrno (sic) do general Dutra não respeita a Constituição [...] quem deve mandar em nossa casa? Nós! Então vamos mandar em nosso país, que é a nossa casa maior. (ENEIDA, MOMENTO FEMININO, 27/07/1947).

Mesmo reivindicando igualdade salarial e enfatizando que as mesmas devem mandar em seus lares e no lar maior – o país –, não podemos esquecer que, o “modelo dominante de família” correspondente ao período em que Eneida assinava a coluna “*Mundo de Hoje*”, caracterizava-se pela autoridade e poder delegado ao homem sobre a mulher, pois o mesmo era considerado, como ainda hoje vemos ocorrer (ainda que não legalmente), o “chefe da família”. Uma das funções sociais atribuída ao “chefe” correspondia ao sustento da família por meio de seu trabalho, enquanto a mulher deveria estar ocupada com tarefas domésticas, o que incluía o cuidado com os filhos e a atenção às necessidades do marido. Mesmo quando está inserida no mercado de trabalho (esfera pública), sua responsabilidade com o trabalho reprodutivo (esfera privada) permanece; ainda que esta mantenha financeiramente a casa, não é vista como “chefe”, pois tal título foi construído e atribuído social e culturalmente ao longo do processo histórico, mediante o poder simbólico atribuído à autoridade “maior” que impõe respeito, a figura masculina. Logo, cabe à mulher ser vista como mãe-esposadona de casa, provedora e mantenedora, mas não como “uma chefe de família” (SARTI, 2005).

Este poder atribuído ao homem não é natural nem absoluto, mas adquirido ao longo do processo de socialização¹⁵ estabelecido pelo modelo patriarcal, onde cabem à mulher os atributos de uma identidade associada ao privado e à subordinação (SAFFIOTI, 2001). Temos, assim, a clássica assimetria hierárquica e antagônica entre a dominação masculina versus a subalternidade feminina. Apesar da crítica fortemente destinada ao sociólogo francês Pierre Bourdieu, em “*A Dominação Masculina*”, não posso deixar de mencionar sua importante contribuição para a ampliação do debate sobre o “poder simbólico”, atribuído ao homem e incorporado socialmente ao longo do processo histórico, que é um poder inserido duradouramente no corpo dos dominados sob forma de esquemas de percepção e de disposições que o tornam sensível a certas manifestações simbólicas do poder (BOURDIEU, 2012).

Bourdieu propõe, a partir de sua sociologia reflexiva, um exercício de reflexão explorando as formas de classificação que são usadas na organização social, e, nesse processo “a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina” (BOURDIEU, 2012). Para o sociólogo, a base da classificação é a divisão sexual, que irá “transitar

¹⁵ Como podemos perceber no filme “Amor e Sedução” do cineasta chinês Zhang Yimou, lançado no ano de 1990.

em diferentes esferas da vida social” e será inculcada não somente nos esquemas cognitivos dos indivíduos, mas também no próprio “adestramento” do corpo. Neste processo de dominação, as estruturas desempenham papel importante, pois o trabalho de reprodução é incessante, e conta com o auxílio de agentes específicos e instituições como: a família, a Igreja, o Estado e as escolas (BOURDIEU, 2012). Porém, o poder simbólico só tem eficácia, assim como na magia¹⁶, se houver a colaboração da “comunidade” dos subordinados que o constroem, legitimando e reproduzindo como forma de poder.

A violência, denunciada por Eneida nos trechos a seguir, mostram a eficácia da violência “invisível” e “insensível”, a violência simbólica. Porém, temos, atrelada a ela, a violência física que, por conta “do exercício da função patriarcal”, é autorizada e tolerada socialmente com o objetivo de punir os desviantes do modelo de matriz dominante (SAFFIOTI, 2001). E, nesse contexto, o modelo político e ideológico do Partido Comunista, assim como a participação de mulheres na luta política, era tido como um comportamento desviante para o padrão sociopolítico da época, pois, como vemos nas três citações abaixo, a violência a que essas mulheres são expostas não é justificada por serem militantes, mas por serem próximas por laços de parentesco ou amoroso de homens que estão envolvidos de alguma forma com a luta política.

No rol das vítimas do fascismo mundial quantas e quantas mulheres!
Quantas mães de olhos vermelhos de chorar, quantas espôsas e quantas filhas
gemendo baixinho, quantas noivas adiando o sonho que tanto acalentaram. A
afirmação de que a mulher é a maior vítima dos regimes de força verifica-se coti-
dianamente [...] NICOLASA BARRIOS OLIVER, uma mulher do povo, operária
e mãe de Ramon Vera, vivia no Rio da Prata. Duas semanas depois do início da
guerra civil foi assassinada por elementos do govêrno. (ENEIDA, MOMENTO
FEMININO, 08/08/1947).

Nosso pensamento vai inicialmente a vocês, mães e esposas que sofrem e
lutam em defesa da liberdade em diversos pontos do globo. Queremos unificar a
fôrça (sic) imensa que representamos no mundo inteiro para liquidar tudo o que
ameace a paz! Queremos unidas exigir que a energia atômica não sirva nunca para
semear a morte e sim para embelezar a vida. (ENEIDA, MOMENTO FEMINI-
NO, 15/08/1947).

A vivência da violência denunciada por Eneida apresentada à suas leitoras – conforme poderemos ver nas citações da próxima página – não é exclusiva de perseguição política por conta do Partido Comunista; temos a unidade indissociável, raça, sexo e classe. No primeiro e segundo trechos é imputada a segregação racial existente nos Estados Unidos, que privava homens, mulheres e crianças de direitos básicos para sua subsistência.

Em Montgomery, Alabama, nos Estados Unidos, uma mulher negra, Sra. Mac Million, mãe de 8 filhos, foi brutalmente agredida dentro de sua casa por 6 brancos que penetraram em sua casa durante à noite.

Não precisamos dizer que seus agressores foram declarados “inocentes” pelo tribunal local. (ENEIDA, MOMENTO FEMININO, 15/08/1947).

¹⁶ O feiticeiro e sua magia. In: Antropologia Estrutural (LÉVI-STRAUSS, 2008).

Em seu informe apresentado ao Congresso da Federação Democrática Internacional de Mulheres, a Sra Phillips, delegada Norte Americana disse, entre outras coisas verdadeiramente espantosas e de causar ‘arrepios’, o seguinte: “O linchamento não é a única ameaça que pesa sobre a vida dos negros. A miséria a insalubridade de suas moradias – Nos Estados Unidos existe o sistema de “ghetos” – a falta de hospitais (para negros) e a insuficiência de médicos (negros) trazem, em consequência uma mortalidade muito elevada principalmente entre mulheres e crianças. (ENEIDA, MOMENTO FEMININO, 01/08/1947).

O radicalismo e extremismo dos líderes políticos são constantemente denunciados nas edições, sejam fatos ocorridos no cenário nacional ou internacional. Conjuntamente à denúncia veemente, sempre feita, Eneida chama atenção para a necessidade de união de todas as mulheres, deixando de lado as diferenças, sejam elas de ideologia política ou não, pois, segundo ela, a luta pela construção democrática e pela consolidação da paz necessitava dessa união de todas.

Como começar este noticiário semanal sem falar em vocês, amigas do Distrito Federal, tão barbaramente espancadas e humilhadas na noite trágica de 22 do corrente na Praça do Expedicionário? O título deste pedaço de página se envergonha, com certeza. No mundo de hoje um espetáculo igual ao de 22 é “tão fora de moda”, tão incompreensível, tão monstruoso que o comentário, o mais justo, parece incolor; é incapaz de dizer o que foi aquele crime. Não que creio que haja entre nós [...] uma só mulher que não se tenha comovido e revoltado com as atrocidades cometidas pela polícia num comício em que todos os partidos se reuniam para comemorar a data de entrada do Brasil na guerra contra o eixo. (ENEIDA, MOMENTO FEMININO, 29/08/1947)

No mundo todo a luta incessante contra o fascismo. Na Espanha assassinaram mais dois espanhóis da Resistência Augustin Zoroa e Lucas Nunes. [...] a polícia prendeu 363 pessoas inclusive cerca de cem mulheres. [...] Cem mulheres argentinas foram presas neste comêço de 1948. [...] disse um telegrama publicado por um de nossos matutinos, que os protestos franceses junto à embaixada de Franco foram violentos. (ENEIDA, MOMENTO FEMININO, 09/01/1948)

Enquanto estratégia para alcançar o público feminino, é estabelecida a relação entre elementos do cotidiano “ditos” como femininos, tal qual a preocupação com o bem-estar dos filhos e do lar, “*Queremos juntas assegurar a felicidade de nossos lares e preparar para nossos filhos o futuro que cada um de nós sonha para eles*” (ENEIDA, MOMENTO FEMININO, 15/08/1947). Temos assim, ao que parece, a aproximação com a ideia difundida por Lênin da figura da “maternidade social”, ou seja, a luta está além do espaço doméstico “individual”, é necessário se pensar a coletividade, lutar por direitos a elas garantidos, que não são respeitados, ou por direitos que ainda não foram conquistados, como o direito ao voto, que ainda não era assegurado a todas as mulheres como podemos ver no trecho a seguir.

Na Polônia, a “Liga de mulheres” conseguiu o direito de voto e interessou milhões de mulheres nas eleições. [...] Na Itália depois de tantos nos de negro fascismo, as mulheres exercem agora com a República pela primeira vez, o direito

do voto e votaram na proporção de 87% nas últimas eleições. (ENEIDA, MOMENTO FEMININO, 27/07/1947)

As notícias de conquistas políticas ou mesmo na esfera profissional alcançada pelas mulheres de diferentes países do mundo estão presentes nas trinta edições; como já mencionado, as diferenças deviam ser deixadas de lado, pois, somente por meio da união, conseguiriam alcançar as conquistas necessárias para viverem em uma sociedade melhor, como mostram o trecho abaixo:

Não é mais possível deixar de reconhecer o papel importante e decisivo no cenário da política internacional. Fizemos a guerra de Libertação dos povos e lutamos hoje com o mesmo vigor e a mesma perseverança para construir um mundo democrático, para garantir a paz. [...] em tôda (sic) parte do mundo lutam as mulheres contra o fascismo, pela paz, pela democracia, pela felicidade. (ENEIDA, 27/07/1947)

Na décima quinta edição, que foi publicada no dia 31 de outubro de 1947, Eneida fala sobre a finalidade da coluna “*Mundo de Hoje*”, apresentando basicamente três pontos que estão presentes da primeira edição até a última, que são: a finalidade desse espaço no jornal; segundo, de apresentar a situação do Brasil, mais especificamente à atuação da mulher no cenário político em relação a outros países do mundo; e, por fim, os possíveis caminhos que podiam ser trilhados buscando construir um “novo mundo”.

Como falar nas conquistas populares de outros países se o Brasil está numa hora tão sombria [...] quando as nossas conquistas tão duramente são pizadas (sic), quando nossa liberdade se torna em cada dia, apenas uma sombra? Esse não é o mundo de hoje, aquê (sic) que tanto desejavamos, que tanto esperamos depois da guerra [...] a hora é sombria, sabemos todas nós e por isso mesmo nossa união é cada vez mais necessária, mais urgente, mais imediata. Queremos viver e para isso é inevitável nossa união. A certeza de nossa vitória não nos abandona. (ENEIDA, MOMENTO FEMININO, 31/10/1947)

Que o povo brasileiro assista a uma das mais importantes páginas de sua história: a da luta intransigente pela Democracia, a luta para que sobrevivam os direitos populares, para que não sejam mais abafados e afogados em sangue os princípios democráticos que baseiam as instituições e a vida individual de cada um de nós”. (ENEIDA, MOMENTO FEMININO, 07/11/1947)

As conquistas tão reclamadas e estimadas ocorreram de forma lenta e gradual, como vimos no trajeto etnográfico que realizo nas edições; o direito à educação e o poder de posses também não foram facilmente conquistados. Se retornarmos ao século XIX, mais especificamente ao ano de 1832, quando Nísia Floresta Augusta publica o livro “*Direito das Mulheres e injustiça dos homens*”, temos um marco na história de luta pela visibilidade da produção intelectual feminina e reivindicação ao direito à educação para todas as mulheres. No trecho que segue, vemos que, após um século de lutas, o índice de analfabetismo entre as mulheres continuava grande, assim como o poder da tutela do marido sobre a mulher.

Um dos jornais comentou a dias, num canto esquecido de uma 4ª página êstes dados: 50% das mulheres da América Latina não sabem lêr nem escrever. Em Cuba por exemplo só 33% das meninas em idade escolar frequentam aulas e na Venezuela só 163 mulheres tiveram educação universitária. E no Brasil? isso é uma coisa que não dizem as estatísticas. No Brasil qual a percentagem de anal-fabetos do sexo feminino? (ENEIDA, MOMENTO FEMININO, 13/02/1948)

No período em que Eneida escreve a coluna “Mundo de Hoje”, não se discutia gênero como hoje conhecemos, mas, utilizando o recurso disponível – a escrita –, ela pôde chamar atenção para o contorno de uma imagem de feminino, que era “dito” por ela – combativa, ativista, “mãe social”. Regressando ao contexto histórico que é reconstruído por Eneida na coluna, pode-se dialogar perfeitamente com as fontes históricas, tornando possível se pensar as representações sociais que, segundo Jodelet (1989), podem ser entendidas como uma “forma de conhecimento socialmente elaborado e partilhado, tendo uma visão prática e concorrendo à construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

O debate sobre a desigualdade existente entre homens e mulheres possibilitou, desde muito tempo, e ainda possibilita, a construção de outros estudos e reflexões, como o realizado pela escritora e filósofa francesa, Simone de Beauvoir, no final da década de 40, quando publicou o primeiro volume de seu polêmico livro: “*O Segundo Sexo*”. Segundo a escritora, historiadora e jornalista francesa Irène Frain (2013), Beauvoir foi fortemente atacada pela imprensa, tendo sua obra taxada de “Moral de costureira”, “Limites do abjeto”, “Compilação sexual”, é batizada de “Santa estupidez”; Beauvoir sofreu difamações como: “mal-amada”, “ninfomaníaca”, “abortada”, “abortadeira”, formas dirigidas a ela quando reconhecida nas ruas de Paris. Com a publicação do segundo volume do livro, sua permanência em Paris tornou-se insustentável e ela decidiu partir para Roma, onde permaneceu por dois meses.

Vemos que a coluna “*Mundo de Hoje*” trazia semanalmente notícias que pontuavam exatamente o que posteriormente, em sua reflexão, Beauvoir (2009) afirma, ou seja, que a posição da mulher é uma construção social, logo, para a dominação masculina ser combatida seria necessário ir além da garantia de leis igualitárias, o confronto deveria se dar contra os elementos que impedem que a mulher de fato exerça sua autonomia, como a educação, que preparava as meninas para futuras esposas, que nem sempre casavam por amor, mas por uma imposição da própria sociedade, que, posteriormente, cobrava o exercício do papel da boa esposa, que, juntamente com a maternidade, formavam o duplo padrão de moralidade sexual. Em contrapartida, aos homens era conferida (e ainda é) maior liberdade sexual, assim como maiores possibilidades profissionais, pois, quando era conquistado o espaço de trabalho pela mulher, havia, e ainda há diferença entre salários, o que não permitia ou poderia não permitir a independência financeira da mulher.

O jornal “*Momento Feminino*” e sua coluna “*Mundo de Hoje*”, enquanto meio de comunicação e instrumento agregador, alcançou diferentes leitoras, apresentando a realidade de diferentes grupos de mulheres que buscaram romper com o papel historicamente atribuído a elas, e que lutaram em prol de uma sociedade mais igualitária, fazendo uso dos meios que lhes eram acessíveis, como a própria equipe que dirigia o jornal; como bem vimos, as mesmas buscavam auxílio de outras mulheres para o manterem, e as colunas eram distribuídas a partir da área de atuação profissional¹⁷ de

¹⁷ A escritora, tradutora e crítica literária Lia Corrêa Dutra assina a coluna “Bodas de Prata” e tinha um espaço destinado às suas traduções, como veremos no anexo a tradução do texto de George Sand, “A pequena Fadette”.

cada uma delas, embora, como já mencionei, haja críticas quanto ao modelo que seguia dos demais jornais destinados ao público feminino. Infelizmente, não identificamos nenhum material que desse condição de identificar o impacto causado pelo jornal junto às suas leitoras e até mesmo entre as militantes do Partido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizarmos, gostaríamos de retomar o que consideramos os dois pontos altos do texto: primeiro, a atuação ativa de Eneida enquanto escritora e militante do PCB; e segundo, a importância dos jornais do PCB, mais especificamente o “*Momento Feminino*”. Eneida, como ela mesma diz em sua carta testamento, traçou friamente o seu destino e seguiu por ele certa de estar certa; a busca e conquista de liberdade custaram o preço do estigma social, mesmo tendo sua vida doada a uma causa, à luta pelo bem-estar social dos menos favorecidos.

O ingresso no Partido Comunista, entendemos como o meio por ela escolhido para poder viver a ideologia que já nutria, pois, como lemos nas próprias palavras de Eneida, as teorias só confirmavam o que já nutria em seu íntimo. Manteve-se fiel aos seus princípios a ponto de afastar-se quando o mesmo passou a “fugir” do que acreditava, o que lembra as palavras de Otávio sobre sua coerência: Eneida acima de tudo foi uma mulher coerente.

Sempre fazendo uso da “palavra” seja ela escrita ou falada, pensamos sua atuação na coluna “MUNDO DE HOJE” como um esforço contínuo da sua militância não atrelada diretamente ao ideário do Partido Comunista Brasileiro, mas voltada para os socialmente injustiçados. Pois, como bem vimos ao longo do texto, mesmo a sociedade burguesa sendo fortemente criticada pelas posições sociais destinadas às mulheres, por outro lado, percebemos que o tratamento dado às militantes não as colocava numa posição de igualdade em relação aos militantes homens, tanto é que a ação e investimento no jornal feminino não recebeu o mesmo valor atribuído aos outros jornais publicados pela imprensa comunista.

A sua manutenção se dava por meio do esforço conjunto de um grupo de mulheres que, por sua persistência e compromisso social para com outras, o mantiveram objetivando mantê-las informadas da ação de suas patriotas e das mulheres de outras partes do mundo, que estavam lutando por uma sociedade mais igualitária, em que os direitos conquistados pelas mulheres pudessem ser vividos e que servissem de motivação para as leitoras a também aderirem à luta, ainda que não estivessem filiadas ao Partido Comunista Brasileiro, pois, segundo elas, a causa era maior.

Enquanto leitoras de Eneida, acreditamos que, assim como na década de 40 o jornal foi um forte agregador, hoje nossas pesquisas e produções acadêmicas podem manter vivas aquelas que lutaram antes de nós, nos encorajando a problematizarmos o cenário de retrocesso que temos vivenciado em nosso país. A “palavra” continua sendo uma arma eficaz. **“Eneida sempre livre, Eneida sempre flor, Eneida sempre viva, Eneida sempre amor”.**

REFERÊNCIAS

ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. *Saias, laços e ligas: construindo imagens e lutas: um estudo sobre as formas de participação política e partidária das mulheres paraenses*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso Internacional de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA/Universidade Federal do Pará – UFPA, 1990.

- AUGUSTA, Nísia. *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*. São Paulo: Cortez, 1989.
- BAZANEZI, Carla. *Revistas Femininas e o Ideal de Felicidade Conjugal (1945-1964)*. Campinas: Revista Cadernos PAGU, 1993
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Tradução: Sérgio Milliet. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Tradução: Maria Helena Kühner. 11ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BUONICORE, Augusto & GARCIA, Fernando. *As mulheres e os noventa anos do comunismo no Brasil*. In: Centro de Memória Sindical, 2012. Disponível em <http://www.memoriasindical.com.br/ler-mais_materias.php?cd_materias=183#.VVk4YPIViko> Acesso em 17/10/2014.
- CORRÊA, Mariza. *Repensando a Família Patriarcal Brasileira*. In: Colcha de Retalhos: Estudos sobre a família no Brasil. (Org.) Antônio Augusto Arantes. 3ª Edição. Campinas, São Paulo. Editora da UNICAMP, 1994. Pág 15-42.
- ENEIDA, de Moraes. *Aruanda e Banho de Cheiro*. Belém: SECULT; FCPTN, 1989.
- FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros e mitos – Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Editora Maud e EDUFF, 2002.
- FRAIN, Irène. *Beauvoir Apaixonada*. Tradução: Marisa Rossetto. 1ª Ed. Campinas: Versus, 2013.
- JODELET, D. *Représentations sociales: un domaine en expansion*. In: Jodelet, D. (org). Les reeprésentations sociales. Paris: PUF, 1989. P.31-61.
- LENIN, Vladimir Ilitch. *Que fazer*. Tradução: Florestan Fernandes. São Paulo: Editora HUCITEC, 1986.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O feiticeiro e sua magia*. In: Antropologia Estrutural. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify Portatil 10, 2008. Págs. 237-264.
- RAMOS, Fernando A. da Cunha & GEREMIAS, Luiz. Instituto *Philippe Pinel: origens históricas*. 2009. Disponível em <http://www.sms.rio.rj.gov.br/pinel/media/pinel_origens.pdf>
- SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- _____. *Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero*. Cadernos Pagu, N°16, 2001. P. 115-136.
- SANTOS, Eunice Ferreira dos. *Eneida memória e militância política*. 1ª Ed. Belém: GEPEM, 2009.
- SARTI, Cynthia. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Cortez, 2005.
- SCAVONE, Lucila. *A maternidade e o feminismo: diálogos com as Ciências Sociais*. Cadernos Pagu, n°16. p. 137-150, 2001.

TORRES, Juliana Della. *A Representação Visual da Mulher na Imprensa Comunista Brasileira (1945-1957)*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, na Universidade Estadual de Londrina – UEL. Londrina, 2009. Disponível < <http://www.uel.br/pos/mesthis/arqtxt/disonline/DissertacaoJuliana.pdf> > Acesso em: 15/07/2014.

VAINFAS, Ronald. Patriarcalismo e misoginia. In: *Trópicos Dos Pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 147-180.

Referência dos Jornais

Momento Feminino

MORAES, Eneida de. Mundo de Hoje. Momento Feminino, Rio de Janeiro, 27 jul. 1947, p.8. In: Eneida de Moraes: memória ícono-bibliográfica (1920-1971) / (CD-ROM)/ Eneida de Moraes: organização e compilação de Eunice Ferreira dos santos, Belém, 2004. 7 discos lasers:son., II. V.3 e 4.

MORAES, Eneida de. Mundo de Hoje. Momento Feminino, Rio de Janeiro, 01 ago. 1947, p.3. In: Eneida de Moraes: memória ícono-bibliográfica (1920-1971) / (CD-ROM)/ Eneida de Moraes: organização e compilação de Eunice Ferreira dos santos, Belém, 2004. 7 discos lasers:son., II. V.3 e 4.

MORAES, Eneida de. Mundo de Hoje. Momento Feminino, Rio de Janeiro, 08 ago. 1947, p.3. In: Eneida de Moraes: memória ícono-bibliográfica (1920-1971) / (CD-ROM)/ Eneida de Moraes: organização e compilação de Eunice Ferreira dos santos, Belém, 2004. 7 discos lasers:son., II. V.3 e 4.

MORAES, Eneida de. Mundo de Hoje. Momento Feminino, Rio de Janeiro, 15 ago. 1947, p.3. In: Eneida de Moraes: memória ícono-bibliográfica (1920-1971)/ (CD-ROM)/ Eneida de Moraes: organização e compilação de Eunice Ferreira dos santos, Belém, 2004. 7 discos lasers:son., II. V.3 e 4.

MORAES, Eneida de. Mundo de Hoje. Momento Feminino, Rio de Janeiro, 29 ago. 1947, p.3. In: Eneida de Moraes: memória ícono-bibliográfica (1920-1971) / (CD-ROM)/ Eneida de Moraes: organização e compilação de Eunice Ferreira dos santos, Belém, 2004. 7 discos lasers:son., II. V.3 e 4.

MORAES, Eneida de. Mundo de Hoje. Momento Feminino, Rio de Janeiro, 31 out. 1947, p.3. In: Eneida de Moraes: memória ícono-bibliográfica (1920-1971)/ (CD-ROM)/ Eneida de Moraes: organização e compilação de Eunice Ferreira dos santos, Belém, 2004. 7 discos lasers:son., II. V.3 e 4.

MORAES, Eneida de. Mundo de Hoje. Momento Feminino, Rio de Janeiro, 07 nov. 1947, p.3. In: Eneida de Moraes: memória ícono-bibliográfica (1920-1971)/ (CD-ROM)/ Eneida de Moraes: organização e compilação de Eunice Ferreira dos santos, Belém, 2004. 7 discos lasers:son., II. V.3 e 4.

MORAES, Eneida de. Mundo de Hoje. Momento Feminino, Rio de Janeiro, 09 jan. 1947, p.3. In: Eneida de Moraes: memória ícono-bibliográfica (1920-1971)/ (CD-ROM)/ Eneida de Moraes: organização e compilação de Eunice Ferreira dos santos, Belém, 2004. 7 discos lasers:son., II. V.3 e 4.

MORAES, Eneida de. Mundo de Hoje. Momento Feminino, Rio de Janeiro, 13 fev. 1947, p.3. In: Eneida de Moraes: memória ícono-bibliográfica (1920-1971)/ (CD-ROM)/ Eneida de Moraes: organização e compilação de Eunice Ferreira dos santos, Belém, 2004. 7 discos lasers:son., II. V.3 e 4.